



DESTAQUE RURAL Nº2

Janeiro de 2014

PRODUÇÃO ALIMENTAR NOS REASSENTAMENTOS: O CASO DE CATEME EM MOATIZE

António Jone

Mestrando em Desenvolvimento e Ordenamento do Território pela Escola Superior de Altos Estudos e Negócios de Moçambique (ESAEN) e Assistente de Investigação do Observatório do Meio Rural (OMR).

1. Introdução

Durante os últimos anos, o país tem atraído volumes de investimentos crescentes no sector dos recursos minerais, nomeadamente para exploração de gás, areias pesadas, exploração de carvão mineral. A maior parte destes investimentos impõem reassentamento da população, tendo nos últimos cinco anos deslocado cerca de 20.000 pessoas, das quais aproximadamente 50% destas só na Província de Tete (os reassentamentos para dar lugar as minas de Carvão de Moatize e de Benga). A maior parte da população deslocada tem como actividade principal a agricultura. A saída das suas regiões de origem, tem impacto na sua estrutura produtiva afectando a dimensão das explorações, a qualidade de terra disponível para a produção de culturas alimentares, a distância para os mercados, os custos de transporte, o que afecta a capacidade de suprir as necessidades alimentares das famílias. Segundo a Human Rights Wasch "muitas famílias reassentadas pela Vale e pela Rio Tinto sofreram uma deterioração das suas condições de vida e independência, passando de agricultores capazes de produzir alimentos para grande parte do ano para comunidades que dependem de ajuda externa e dos programas de comida-por-trabalho".

Com base nestas suposições, o OMR realizou uma investigação sobre o *Efeito dos reassentamentos populacionais nos sistemas de produção agrícola: O caso de Cateme em Tete (Moatize)*, que pretende verificar os efeitos dos reassentamentos sobre os sistemas de produção agrícola, tendo em conta o papel que esta actividade tem para o sustento das famílias rurais.

Este texto é uma síntese da pesquisa referida. Ressalta os aspectos da produção alimentar, entre as condições anteriores ao reassentamento e compara a produção realizada entre as famílias reassentadas e não reassentadas. Este texto refere-se somente às questões relacionadas com o título. Os resultados do projecto incluem outros elementos de análise.

2. Breve enquadramento

Em Moatize, o reassentamento dos agregados familiares começou em 2009 e envolveu a deslocação de 1.365 famílias, das quais 289 foram para o bairro 25 de Setembro, na Vila de Moatize e 716 para Cateme, Posto Administrativo de Kambulatsitsi. Em Cateme, a compensação incluiu novas casas, bombas de água, uma escola primária, uma escola secundária, um posto de saúde, um posto policial e os prometidos dois hectares de terra agrícola para cada agregado familiar. A maioria das pessoas reassentadas eram agricultores que suplementavam o cultivo das suas culturas (milho, mapira/mexoeira, feijão nhemba, mandioca, batata-doce, amendoim, couve, abóbora, tomate, repolho, quiabo) com a venda de carvão vegetal, lenha, frutas e legumes no mercado próximo de Moatize. Estas sofreram perturbações na sua capacidade de obter água, comida adequada e acesso ao trabalho não-agrícola (fabrico de tijolos queimados, pesca, caça e fabrico de esteiras). A população anfitriã, no local de reassentamento, tinha suas machambas onde cultivam diversas culturas como: milho, mapira (mexoeira), amendoim, couve, tomate, cebola e outros produtos, sendo o milho a principal cultura. Fora da prática da agricultura os moradores extraíam nestes locais lenha e produziam carvão vegetal e com a chegada dos reassentados perderam parte da fonte de sustento.

O processo de reassentamento durou mais de dois anos e nesse período a vida da população parou, foi proibida de fazer qualquer tipo de construção ou benfeitoria e os trabalhos das machambas foram suspensos. Na zona de reassentamento, as terras agrícolas fornecidas a muitos reassentados são de qualidade profundamente desigual e em muitos casos é rochosa, distante de fontes de água e imprópria para a produção de uma quantidade e variedade de culturas básicas de preferência e importantes para segurança alimentar das famílias: casos de milho, mapira e hortícolas que antes do reassentamento faziam ao longo dos rios Revúboè e Zambeze.

3. Metodologia

Esta síntese apresenta comparações entre os casos das famílias reassentadas e não reassentadas e as situações das famílias antes e depois de reassentadas. Usando entrevistas estruturadas, foram inquiridas famílias reassentadas e não reassentadas residentes em Cateme. Foram ainda administradas entrevistas semiestruturadas a informantes chaves.

4. Resultados

Conforme os objectivos da pesquisa e a metodologia utilizada, os principais resultados são os seguintes:

- As famílias reassentadas têm a agricultura como fonte principal para o seu sustento e sobrevivência e não praticam outras actividades de rendimento, ao passo que 67% das famílias não reassentadas para além da agricultura, desenvolvem outras actividades rentáveis tais como o corte/apanha de lenha, a produção de carvão, o corte de capim/caniço, o corte de estacas e madeira, caça e a pesca.
- As famílias reassentadas cultivam mais milho e hortícolas, ao passo que as culturas de feijão, amendoim, batata-doce e mapira são mais praticadas pelas famílias não reassentadas. Pode sugerir-se que a concentração nas culturas alimentares básicas, pretende assegurar menores riscos alimentares face a novas condições de vida, e à distância dos mercados, com possíveis consequências na menor diversidade nutricional e produtiva.
- De maneira geral, as culturas mais praticadas são o milho, feijões e amendoim. Em média, a área usada pelos reassentados para a produção de milho e feijões é menor que a área usada pelos não reassentados e a área de amendoim cultivada para cultivo é igual entre os dois grupos. A média da área usada pelas famílias reassentadas é de 0,7 hectares para o milho, 0,2 hectares para o feijão e 0,1 hectare de amendoim e os não reassentados utilizam 1,2; 0,3 e 0,1 hectares respectivamente.

- Em média, os reassentados nas zonas de origem, possuíam uma área de aproximadamente de três hectares para a prática da agricultura; actualmente, dispõem de aproximadamente um hectare. Esta constatação pode ter consequências sobre a quantidade de alimentos produzido e com possíveis implicações na autossuficiência alimentar.
- Verifica-se ainda que os reassentados usam mais sementes melhoradas para o cultivo de milho e amendoim do que os não reassentados, enquanto, para o cultivo de feijões, não se observam diferenças entre os grupos.
- Mais de três quartos dos reassentados afirmaram praticar agricultura em terras pouco férteis a muito poucos férteis, podendo comprometer os seus resultados agrícolas, uma vez que menos de 5% destes é que pratica a agricultura com recurso à fertilização (tanto orgânica como química) e menos de 10% aplica pesticidas nas suas explorações agrícolas.
- Cerca de 81% dos reassentados, afirma sofrer ou ter sofrido conflito de terras, que se caracterizou por perdas do espaço concedido e cessação da actividade agrícola, fenómeno que não ocorria nos locais de origem
- Não existem diferenças na produção de milho, feijão e amendoim entre a actual população de Cateme (reassentados e não reassentados). Porém, em média as famílias reassentadas antes da deslocação produziam em média 4.500 kgs de milho e actualmente produzem apenas 878 kgs, podendo trazer influência na segurança alimentar das famílias.



Fotos de António Jone. Casa de reassentados e celeiro para o armazenamento da produção agrícola em Cateme.

5. Conclusões e implicações para a definição de políticas

Pelos resultados obtidos, podemos concluir que o reassentamento de Cateme provoca alterações significativas nos sistemas de produção, que se traduz por uma redução da área utilizada na produção de culturas alimentares, acrescentando-se ser esta de inferior fertilidade. Os reassentados usam sementes melhoradas de maneira diferencial dos não reassentados, em consequência da distribuição gratuita da mesma. A utilização desta semente não é acompanhada com o uso de adubos químicos e/ou orgânicos, assim como de pesticidas. Apesar de não se registarem diferenças significativas nos rendimentos agronómicos de milho, feijões e amendoim entre os reassentados e não reassentados, a produção actual das famílias reassentadas comparada com a produção antes do deslocamento, são estatisticamente diferentes, com possíveis implicações na auto-suficiência das mesmas.

Partindo do princípio defendido tanto pelas políticas operacionais do *International Finance Corporation* e da legislação moçambicana atinente à matéria, sendo o reassentamento inevitável, deve-se garantir a reposição integral e assistência para que os reassentados melhorem ou, no mínimo, recuperem seus padrões de vida ou subsistência. Para o caso de Cateme, deve-se continuar a implementar actividades com vista a garantir o acesso a terra para agricultura a todas as famílias, em quantidade (2 hectares prometidos) e qualidade (fértil e não rochosa), com proximidade possível a fontes de água não só para irrigar as suas machambas como também desenvolver actividade piscatória. Deve-se ainda continuar a implementar actividades de apoio no desmatamento, preparação da terra, nivelamento e estabilização dos solo,

distribuição de sementes, fertilizantes e pesticidas. É importante identificar áreas com menos pressão pelos recursos, de forma a evitar eminentes conflitos de terra e de outros recursos florestais (bambus, estacas, cordas, madeira, entre outros) essenciais para a prática de outras actividades de rendimento.

Como conclusão final e em resposta ao objectivo central deste texto, para além de outros aspectos, é certo afirmar que, no caso de Cateme, o reassentamento afectou negativamente a produção alimentar.